

O Rorschach em Psicologia da Saúde: Contributos para uma Reflexão sobre o seu Uso numa Maternidade (*)

ISABEL PEREIRA LEAL (**)
MARIA EMÍLIA MARQUES (***)

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos tem-se assistido ao desenvolvimento e enraizamento de novas áreas de intervenção psicológica. Estes novos contextos implicam e obrigam a uma ampla e profunda reflexão sobre a Psicologia como Ciência e como desempenho profissional, e obrigam, também, mais especificamente, a uma redefinição sobre o uso de instrumentos e metodologias de avaliação.

Um destes novos contextos é o da *Psicologia da Saúde*, que cobre uma extensíssima área de interfaces disciplinares, outrora ocupados pelas Medicinas Comportamentais e Psiquiátrica, pelas Psicologias Clínica e do Desenvolvimento e também pela Psicossomática.

A rápida implantação que a Psicologia da Saúde tem tido um pouco por todo o lado, movida, essencialmente, pela concepção que se vai estabelecendo de que um sujeito que recorre aos serviços de saúde é composto também de uma mente que precisa de ser interrogada e implicada

no processo de prestação de cuidados, obrigamos a rever o interesse, o âmbito e os limites dos instrumentos – teóricos e metodológicos – que utilizamos.

2. DA PSICOLOGIA CLÍNICA À PSICOLOGIA DA SAÚDE

A Psicologia Clínica, fortemente inspirada e apoiada na Psicopatologia, desenvolveu e utiliza predominantemente instrumentos – teóricos, metodológicos e técnicos – que são basicamente «psicopatologizados e psicopatologizantes», construídos, quase todos, em função de normas, de médias estatísticas, ou de um qualquer conceito, associacionista, integrativo ou outro.

Em Psicologia da Saúde, a aplicação destes modelos de compreensão e intervenção a uma população que, sendo mais ou menos normativa do ponto de vista da saúde mental, se apresenta basicamente em *situação de crise*, porque em situação de alteração física, crónica ou aguda, obriga-nos a repensar o âmbito e o sentido dos instrumentos utilizados.

Sendo o *Rorschach* um dos instrumentos clínicos de maior uso, ele acaba por ser, quase inevitavelmente, utilizado sempre que se tem de proceder à observação, análise e interpretação de

(*) Comunicação apresentada no XIV Congresso Internacional de Rorschach, Lisboa, Julho de 1993.

(**) Psicóloga Clínica. Professora Auxiliar, ISPA.

(***) Psicóloga Clínica. Assistente, ISPA.

um sujeito em situação de crise. Coloca-se-nos, então, a questão de saber até que ponto este instrumento, utilizado, construído e pensado numa lógica de diagnóstico diferencial e de apreensão, compreensão e interpretação do funcionamento mental e interno do sujeito, nos pode ser útil e qual a *validade clínica* do seu uso.

Perceber o sofrimento, a desadaptação circunscrita e reactiva a um acontecimento de vida bem preciso, como por exemplo, uma gravidez problemática, uma infertilidade psicógena ou uma intervenção cirúrgica, será que nos obriga a um conhecimento tão aprofundado sobre o sujeito? Não deveríamos, pelo contrário, estabelecer critérios, fundados num enquadramento teórico e numa metodologia bem precisos, através dos quais se tornasse possível uma aproximação e compreensão sobre as possibilidades adaptativas do sujeito, as potencialidades que tal sujeito apresenta de poder ultrapassar, da melhor forma possível, a situação adversa que enfrenta no momento? Parece-nos ser essa a melhor forma de compreender um sujeito e de intervir.

Sem uma concepção clara sobre as dimensões psicológicas envolvidas num acontecimento de vida adverso, não será possível compreender e intervir junto de uma população que tem de encarar, reagir e integrar esse acontecimento num curso de vida que se pretende seja, apesar das possíveis limitações, adaptado e satisfatório.

Os modelos «clássicos» da Psicologia Clínica estão aqui comprometidos, dado que não se joga, predominantemente, a relação do Próprio ao Próprio, nem do Próprio ao Outro, ao meio. Estão aqui em jogo, fundamentalmente, as dimensões da relação que o Próprio estabelece com o seu corpo, que apresenta modificações, funcionais ou orgânicas, que acarretam dimensões de dano, disfuncionalidade ou incapacidade, transitória ou definitiva. Integrar uma adversidade ou uma limitação não obriga a repensar todo um estilo relacional, implica sim aceitar, às vezes provisoriamente, um corpo debilitado, transformado, enfraquecido.

É claro que podemos ver aqui em jogo dimensões narcísicas, mesmo edípicas, mas é claro, também, que estes referenciais devem ser utilizados numa forma modelada pela situação e pela especificidade da nossa intervenção.

A intervenção em Psicologia da Saúde decorre, habitualmente, num quadro institucional,

hospitalar ou de assistência geral, em que o pedido específico é feito à própria instituição e não à Psicologia directamente. A acção da Psicologia deve, por isso, inscrever-se numa lógica de multidisciplinariedade, como peça de um puzzle que se encaixa e se vai construindo, sendo-nos exigido, enquanto Psicólogos, manter firmemente estabelecidos e estabilizados os modelos que sustentam a nossa compreensão e intervenção, sem nenhuma ambiguidade e colisão com os saberes e saber-fazer doutros técnicos de saúde.

O nosso contributo inscreve-se na procura do sentido psicológico do sofrimento vivido num tempo e num espaço precisos, atentos ao transbordar, ao generalizar, à contaminação de outros tempos e de outros espaços. Conter, revelar e comunicar a frustração, o sofrimento e o impasse, que a maior parte das vezes aparece como estranho, escondido, tortuoso, ver latente, ao olhar do Próprio e aos olhares dos outros implicados no processo, quer eles sejam técnicos ou familiares, é, no essencial, a tarefa que nos cumpre.

3. A PSICOLOGIA DA SAÚDE NUMA MATERNIDADE

1. O uso dos instrumentos habituais da Psicologia Clínica exigem uma renovação e adequação, quando aplicados a *novos contextos*. No caso de uma Maternidade, e tomando o Rorschach como referência, consideramos que ele possibilita, depois de retiradas as considerações psicopatológicas e diagnósticas, porque inopurtas e desnecessárias, a revelação do espaço mental disponível, mobilizável para a elaboração, reparação e integração de um Próprio a reconstruir, porque modificado, limitado ou «danificado» por uma gravidez, ou por uma infertilidade, ou por riscos de aborto...

Sabemos que os protocolos Rorschach recolhidos em meio hospitalar aparecem carregados de referências anatómicas. No caso de uma Maternidade, estas referências insistentemente repetidas, chegam, uma grande parte das vezes, a não respeitar a «regra» da adequação formal, quando não se tornam mesmo *perseveração*.

Cumpre-nos, então, em função do contexto, assegurarmo-nos de que a *recolha*, ao não poder ser efectuada sob a habitual égide da «neutrali-

dade», só deverá ocorrer *quando* e se se conseguir estabelecer uma modificação na *relação* que leve o sujeito a querer, e a poder, entregar-se à tarefa de *jogo*, a uma *rêverie imaginante*, tal como Lagache (1943) a formula.

O Rorschach deve ser concebido como um espaço proposto ao sujeito onde se podem expressar três dimensões, que não são mais que o desdobramento de uma única, fundamental e fundadora: a multiplicidade e polissemia das expressões de cada sujeito, tornadas sensíveis através deste instrumento (Marques, 1992).

2. Temos assim como um primeiro eixo organizador de análise Rorschach a *mediação*: encontro de Sujeito a Sujeito, de Psicólogo a Paciente, encontro também de Sujeito a mancha Rorschach. Destes encontros emerge uma resposta Rorschach que assinala as possibilidades de contacto, de empatia, de comunicação. A interpretação da mancha Rorschach, revela então a proximidade e a distância entre Eu-Outro, Interno-Externo.

Um segundo eixo ao qual chamamos de *relação* acentua a expressão anteriormente descrita, isto é, revela como é que a resposta Rorschach é o fruto de uma recriação que se impõe face ao confronto entre conhecido e desconhecido. Poder assimilar e recriar o Outro – Psicólogo e Mancha – exige um trabalho feito do estabelecimento de redes de relação que são a réplica renovada de outras relações já estabelecidas e indicadoras das que se podem estabelecer: relações de Sujeito a Objecto, de Sujeito com Objecto, mas também relações de Sujeito a Sujeito, de Sujeito com Sujeito.

Como último eixo, concebemos então o Rorschach como um *espaço virtual*, isto é, como um espaço que solicita e exige, pelas interpretações possíveis, que se abrem num espaço infinito, mas ao mesmo tempo finito, ao sujeito que pode então fruir e fluir neste espaço virtual revelando a plasticidade e a disponibilidade das forças adaptativas, criativas e recriativas das quais dispõe.

3. A nossa experiência e reflexão sobre o trabalho de clínicos numa Maternidade, que nos conduziu à explicitação atrás enunciada sobre novos modos de análise e compreensão dos instrumentos e metodologias, com particular expli-

cação sobre o Rorschach impele-nos, num segundo momento, a erigir o *corpo feminino* como a dimensão psicológica fundamental que está em jogo, de formas múltiplas, nas situações e vicissitudes da gravidez e da maternidade, que deve então ser tomada como objecto de reflexão e de investigação a privilegiar.

Este corpo de múltiplas expressões revela-se na Psicologia, na Patologia e na Psicopatologia da gravidez e da maternidade como um corpo que actualiza, ou não, a expressão última da aproximação entre feminino e materno, aproximação esta que passa inexoravelmente pelo processo de gravidez, enquanto espaço transaccional entre o Desejo – o que não sendo ainda, se abre ao espaço fantasmático – e a sua actualização possível.

Só que estes processos se passam num corpo em transformação, em sexuação e em complementarização em novos termos: corpo cheio/ corpo vazio, como expressões de mente cheia/ mente vazia. Jogo limite de equilíbrios instáveis que implicam em primeiro plano uma mulher como um todo numa relação exclusiva consigo, isto é, espaço de decisão último que lhe cumpre como espaço de actualização de passado e futuro.

Espaço a recriar a partir das relações feitas de proximidade, manuseamento e distância. Espaço a recriar nas relações entre movimentos de dívida e recepção, de contenção e expansão/expulsão, movimentos de ser e ter, expressões contrastadas e obrigatórias de proximidade e distância entre feminino e materno.

O Rorschach é um instrumento que possibilita a expressão e revelação da natureza e vicissitudes destes processos, na medida em que se institui como um espaço de mediação, da relação e da virtualidade.

4. CONCLUSÕES

Intervir como Psicólogos Clínicos numa Maternidade, no âmbito da acção da Psicologia da Saúde, é poder aceder à compreensão de um ser psicológico em moldes diversos, com o recurso a outras concepções e as outras metodologias, adaptadas em função do seu contexto específico.

Estabelecer novas modalidades de análise, compreensão, interpretação e de intervenção

numa Maternidade obriga a uma reflexão profunda, organizada por eixos que têm de ser bem precisos.

Propomos, assim, como um dos eixos a explorar, a dimensão psicológica *corpo feminino*, já que é a partir dela que pode ser entendida a natureza das relações que um sujeito tem de *transformar*, a fim de aceder a uma nova *integração*, real e fantasmática, de um corpo que de «virtual» deverá passar a «actual». São os insucessos deste processo, depois de despistadas as causas orgânicas, que acabam por ser enviados à Psicologia, mas são-no também as rejeições, as negações e as recusas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Lagache, D. (1943). La rêverie imageante, conduite adaptative au test Rorschach. Les hallucinations verbales et travaux cliniques. In *Oeuvres I* (1932-1946). Paris: PUF.
- Leal, I. (1990). Nota de Abertura in Psicologia da Gravidez e da Maternidade. *Análise Psicológica*, VIII(4): 365-366.
- Leal, I.P. (1992). Psicologia da Maternidade: alguns aspectos da teoria e prática de intervenção. *Análise Psicológica*, X(2): 229-234.
- Marques, M.E. (no prelo). *Do desejo do saber ao saber do desejo. Contributos para a caracterização da situação projectiva*. Comunicação apresentada na Colóquio «Relação Terapêutica», ISPA, Lisboa. (A publicar no presente número de *Análise Psicológica*).

RESUMO

Os novos domínios de intervenção da Psicologia obrigam-nos a proceder a uma reflexão que procure ajustar os saberes e o saber-fazer «clássicos» aos novos contextos. As referências teóricas e metodológicas que nos informam como Psicólogos devem então ser moduladas e adaptadas a novas intervenções.

O uso do Rorschach nos contextos de uma Maternidade exige uma aprofundada reflexão, dado que as habituais referências diagnósticas que o sustentam são de pouca utilidade.

Propomo-nos, assim, apresentar as grandes linhas daquilo que pensamos dever ser tido em conta: (1) A necessidade de estabelecer *novas modalidades de aplicação, análise e interpretação do Rorschach*; (2) A necessidade de estabelecer novas linhas de investigação, *sobre e com* o Rorschach, que nos permitam conhecer melhor os *processos e vicissitudes da gravidez e da maternidade*, deixando de lado as preocupações em estabelecer perfis psicológicos que dêem conta dos insucessos da gravidez, como, por exemplo, a morte fetal e a infertilidade.

A dimensão psicológica *corpo feminino*, à qual o Rorschach acede com alguma facilidade, poderá ser um eixo de reflexão e investigação sobre os processos e as vicissitudes da gravidez e da maternidade.

ABSTRACT

The new domains of psychological intervention force us to rethink the adjustment of «classical» knowledge and know-how to the new contexts. Our theoretical and methodological references as psychologists must be modulated and adjusted to these new interventions.

The use of Rorschach in the context of a Motherhood requires careful consideration because the usual diagnose references aren't of much use.

We therefore present some major points that must be considered: (1) the need to establish *new modalities to apply, analyze and interpret the Rorschach*; (2) the need to establish new research lines *with and about* the Rorschach, that may allow us to know better the processes and vicissitudes of pregnancy and motherhood, *leaving aside all concerns around psychological profiling* to explain pregnancy failures such as foetal death as infertility.

The psychological dimension *female body*, to which the Rorschach has a relatively easy access may provide a strong research basis concerning the processes and vicissitudes of pregnancy and motherhood.